

# EXPERIÊNCIAS DE SERINGUEIROS DE XAPURI/AC

Carlos Estevão Ferreira Castelo<sup>1</sup>

## RESUMO

Neste artigo procura-se desenvolver algumas reflexões acerca das mudanças nos modos de vida que os seringueiros de Xapuri/AC vêm experimentando desde o assassinato de Chico Mendes, em 1988. As reflexões realizadas foram construídas a partir de uma experiência de História Oral produzida de forma partilhada com seringueiros residentes em duas áreas representativas (Projeto de Assentamento Agroextrativista Cachoeira e Reserva Extrativista Chico Mendes). A análise e o diálogo com as fontes apontaram que as principais modificações no viver aconteceram, principalmente, após a chegada ao poder estadual acreano de um grupo político que se autodenominou “Governo da Floresta”. Esse governo realizou investimentos patrocinados por organizações internacionais que trouxeram mudanças significativas no modus vivendi dessas pessoas. Mudanças que melhoraram a vida, mas também trouxeram problemas, riscos e prejuízos.

## PALAVRAS-CHAVE

Experiências; Seringueiros; Modos de Vida.

## ABSTRACT

In this article we try to develop some reflections about the changes in the ways of life that the rubber tappers of Xapuri/AC have been experiencing since the 1988 assassination of Chico Mendes. The reflections were built on a Oral History experience shared with rubber tappers residing in two representative areas (Cachoeira Agroextractivist Settlement Project and Chico Mendes Extractive Reserve). The analysis and the dialogue with the sources pointed out that the main modifications in the living happened mainly after the arrival to the Acre state power of a political group that called itself “Government of the Forest”. This government made investments sponsored by international organizations that brought significant changes in the modus vivendi of these people. Changes that have improved life, but also brought problems, risks and losses.

## KEYWORDS

Experiences; Rubber tappers; Livelihoods.

## INTRODUÇÃO

Nesse artigo apresenta-se resultados de uma experiência de História Oral no Estado do Acre construída de forma partilhada com seringueiros. O texto versa sobre impactos provocados pelos processos de modernidade (ou modernização) nos modos de viver de pessoas residentes em florestas localizadas no município de Xapuri/AC, a partir do assassinato de Francisco Alves Mendes Filho (Chico Mendes), em 1988. Trata também de alguns possíveis riscos envolvidos em tais processos.

---

1 Professor Associado II do Centro de Ciências Jurídicas e Sociais Aplicadas da UFAC.

Observa-se que quando se faz referência ao termo seringueiro nesse texto, ou seringueiros, trata-se de sujeitos que vivem ainda hoje nas florestas do Estado do Acre praticando a extração do látex de seringueiras (*Hevea brasiliensis*); coletando castanha (*Bertholletia excelsa* H.B.K); criando pequenos animais, principalmente para autoconsumo; praticando agricultura e pecuária de pequena dimensão, entre outras atividades. No tempo presente, na luta pela sobrevivência na floresta, todas essas tarefas podem ser realizadas por uma única pessoa. Entretanto, o seringueiro clássico, do primeiro “ciclo da borracha” na Amazônia, dedicava-se exclusivamente à produção de borracha. Alerta-se, ainda, que o uso da expressão foi feita não com a ideia de classificar e ou normalizar. Até porque o sujeito é proteiforme - ou seja: ele assume identidades. Na floresta, durante a pesquisa de campo realizada em 2012, encontrou-se, por exemplo, o sujeito que corta seringa; o sujeito que corta seringa e recebe o “bolsa família”; que tem seu plantio de “roçado”; que é pai; que trai a esposa; que joga dominó; que faz “bico” vendendo sua força de trabalho a outros; que vai à igreja; que não vota em candidato A ou B; que joga futebol. Inclusive, alguns que fazem questão de dizer que são seringueiros, mas não trabalham mais cortando seringa. Também sujeitos que podem matar o próximo quando são ofendidos, mas que se dizem defensores da floresta. Não considerá-los como seringueiros significaria negar a historicidade de suas vidas.

Com respeito ao termo modernidade (ou modernização), devido o seu caráter ambíguo e polissêmico poder provocar interpretações diversas (LOWY, 1992), destacamos que a interpretação do mesmo centra-se em um conjunto de ações desenvolvidas na região acreana depois do assassinato do líder seringueiro Francisco Alves Mendes Filho – o Chico Mendes. Processos que, principalmente após o ano de 1999, relacionaram-se com políticas e práticas implementadas pelo governo estadual (que se autointitulou “Governo da Floresta”), e que objetivavam, entre outras questões, viabilizar “econômica e socialmente” territórios acreanos “protegidos” (Reservas Extrativistas e Projetos de Assentamento Agroextrativistas).

O artigo foi dividido nas seguintes partes: inicia-se apresentando alguns contextos relacionados com o período analisado (1988-2012). Em seguida algumas questões metodológicas (História Oral) são destacadas para, no final, evidenciar as insatisfações, resistências, riscos e prejuízos que a “modernidade florestânica” provocou no modo de viver dos seringueiros.

## DE 1988 A 2012: ALGUNS CONTEXTOS

Após liderar os seringueiros contra o processo modernizante dos militares implementado na região Amazônica que, no caso do Acre, promoveu a expropriação de muitas famílias dos territórios que ocupavam desde o início do século passado, Francisco Alves Mendes Filho - o Chico Mendes - foi assassinado em 22 de dezembro do ano de 1988 na cidade de Xapuri/AC, a mando do fazendeiro Darly Alves da Silva. E, desde sua morte, muitas e relevantes mudanças passaram a acontecer na floresta e nas cidades acreanas. Nas cidades, principalmente na capital Rio Branco, nos dez primeiros anos após a morte de Mendes (1988-1998) a população mais pobre (maioria) vivenciou anos difíceis. Anos que muitos conceituaram como de “esquadrão da morte” e “corrupção”.

O Palácio Rio Branco, sede do Governo, durante todo esse período foi ocupado por políticos de partidos ditos de “direita”. Inclusive, um deles também foi assassinado. Em maio de 1992 o então governador Edmundo Pinto de Almeida Neto foi morto no hotel Della Volpe, em São Paulo, horas antes de depor na Comissão Parlamentar de Inquérito do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), que apurava o desvio de verbas destinadas à construção de uma obra de infraestrutura em Rio Branco/AC denominada “Canal da Maternidade”<sup>2</sup>.

Enquanto isso, no interior das florestas acreanas a vida também continuou sofrida após 1988, mesmo com a criação da “Reserva Extrativista Chico Mendes” no ano de 1990. Reserva, deve-se anotar, que foi concebida e anunciada como a “reforma agrária dos seringueiros”. Seringueiros esses que precisavam prosseguir na luta pela sobrevivência, agora sem uma das mais importantes lideranças. As resistências, os avanços, e os recuos continuaram.

Na cidade de Xapuri/AC, símbolo do “movimento de resistência dos seringueiros contra a expropriação das florestas”, a Cooperativa Agroextrativista de Xapuri (CAEX), organização que havia sido fundada poucos meses antes de Chico Mendes morrer, em busca da consecução e fortalecimento de seus objetivos socioeconômicos e com auxílio de organizações não governamentais

---

2 De acordo com o Ministério Público Federal, foi por meio de um dossiê elaborado pelo Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana (CDDPH), do Ministério da Justiça, que o esquadrão da morte no Acre se tornou público. O Dossiê foi encaminhado à Câmara dos Deputados, em 1998, informando sobre a atuação criminosa do então deputado federal Hildebrando Pascoal, no Estado do Acre. O documento relacionava o deputado a grupos de extermínio, crime organizado e narcotráfico. (Fonte: Ministério Público Federal. Esquadrão da Morte no Acre - Entenda o caso. Disponível em <<http://www.divulga-mpf.pgr.mpf.gov.br>> Acessado em 21/09/2012.

(ONG's) internacionais consegue implantar uma usina de beneficiamento/descascamento de castanha. Era o ano da graça de 1990.

Com o objetivo de abastecer a usina com matéria-prima (castanha), a CAEX iniciou o estabelecimento de um sistema de compras da produção diretamente dos “madrugadores da floresta”<sup>33</sup> e, dessa maneira, conseguiu alguns benefícios econômicos para os seringueiros da região, em razão, principalmente, do aniquilamento da influência de um sujeito social bastante presente nas matas xapurienses naquele momento: o “marreteiro”<sup>44</sup>.

Mas mesmo com a criação da Reserva Extrativista Chico Mendes e da CAEX, a situação dos seringueiros da região de Xapuri continuou não sendo nada fácil. O isolamento, as doenças, e os preços em queda dos dois principais produtos oriundos da mata (castanha e borracha) não propiciavam rendimento suficiente para uma sobrevivência digna. Inclusive, muitas famílias abandonaram a floresta nesse período. Mudanças importantes estavam em processo nessa região do Acre, umas mais, outras menos visíveis.

Embora enfrentando dificuldades, os seringueiros que haviam permanecido nas matas, em busca da possível sobrevivência, continuaram extraindo o látex das seringueiras, tarefa importante para a produção das “pélas” de borracha. Eles também continuaram coletando castanha (que agora era vendida principalmente para a CAEX). Como nenhuma das duas atividades “dava conta de adquirir o básico”, os sujeitos seringueiros passaram a intensificar a criação de gado, bem como de pequenos animais (maioria para autoconsumo). Também passaram a intensificar uma pequena agricultura comercial. Esses eventos foram observados por diversos pesquisadores como Ehringhaus (2005) que, inclusive, apontou seringueiros incorporando influências urbanas neste período.

Na academia acreana (Universidade Federal do Acre - UFAC) era comum ouvir, na primeira década de 1990, que o extrativismo de borracha e castanha (dito tradicional) havia acabado. Que não possuía mais “viabilidade econômica”. Estudiosos do Brasil e do mundo também questionavam a viabilidade da atividade em termos de economia, sustentabilidade social e ambiental<sup>55</sup>. Inclusive, alguns argumentavam que o extrativismo florestal “não madeireiro”

---

3 <sup>3</sup> Expressão apresentada por Polanco Ribeiro (2008), em sua dissertação de mestrado, para designar os seringueiros.

4 <sup>4</sup> Os marreteiros eram sujeitos sociais que adentravam nas “colocações” comprando a produção dos seringueiros e, também, vendendo produtos industrializados. Sobre isso ver mais em Castelo (1991).

5 <sup>5</sup> Fearnside (1989), Hecht e Cockburn (1990), Murrieta e Rueda (1995).

não possuía condições alguma de diminuir a pobreza no longo prazo (BROWDER, 1990; HOMMA, 1992).

Entretanto, também nesse período, outras vozes sinalizavam em direções diferentes (no Acre e no mundo). Apontavam, por exemplo, para uma renovação no extrativismo tradicional, para um “neoextrativismo”, ou “extrativismo mais moderno”. Em outros termos, para um extrativismo melhorado tecnicamente<sup>66</sup>, por dentro.

No ano de 1999, um grupo de jovens que se diziam apoiadores e sucessores do legado de Chico Mendes consegue ascender ao poder estadual, com o apoio da maioria dos seringueiros. Renovam-se as esperanças de muitos que viviam nas florestas. Esperanças de uma vida melhor e de “sair da crise”. Jorge Viana, um político do Partido dos Trabalhadores (PT) foi o Governador eleito. É com ele que funda-se o período denominado (pelo próprio Governo) de “Governo da Floresta” ou “Governo da Florestania”, cujas principais propostas de política para os “povos da floresta”, sustentavam-se, exatamente, no conceito do “neoextrativismo”.

Após a posse de Viana, várias iniciativas modernizadoras começam a ser efetivadas no Estado do Acre, visando à indução de um “novo modelo” de desenvolvimento. E nesse processo uma característica chamou bastante atenção: o desenvolvimento aparecia adjetivado (desenvolvimento “sustentável”). Esse “novo modelo”, de forma virtuosa, fazia a união entre as agendas ambiental, social e econômica. A saída para o Acre se desenvolver estaria, a partir do novo discurso estabelecido, no aproveitamento da única vantagem comparativa que o Estado possuía: a floresta. Para tentar dar conta de tudo isso é que foi criado o neologismo “florestania”.

O fato é que a crise do extrativismo tradicional (borracha e castanha) provocava tendências de mudanças no uso da terra. Mudanças que intensificavam as migrações do campo para as cidades e, ainda, provocavam aumentos de desmatamentos. Neste caso, devido à introdução de gado, mesmo em regiões onde a atividade era proibida, como na Reserva Extrativista Chico Mendes (MELO FITTIPALDY, 2012). Foi exatamente neste contexto que o “Governo da Floresta” iniciou o empreendimento de suas políticas, ações, e práticas ditas “neoextrativistas”. Segundo os gestores da época, um dos objetivos era “reverter a situação de crise dos seringueiros”.

---

6 <sup>6</sup> Para maiores informações sobre o neoextrativismo ver REGO et al. (1996).

Coincidentemente ou não, exatamente no mesmo período, observou-se, no Acre, um processo de heroificação de Chico Mendes no imaginário social, processo que culminou com a aprovação de um Projeto de Lei no Senado Federal (nº 326, de 1999). A exemplo de Plácido de Castro, Chico Mendes adentrava ao panteão dos heróis nacionais. O nome de Chico, ou mais precisamente o herói Chico Mendes, começava a ser firmado na “memória coletiva” da sociedade, parecendo se sobressair como marca cultural de um “novo Acre”, de um “Acre moderno”.

Após dois mandatos de Jorge Viana, em 2007, assume Binho Marques, outro jovem pertencente à mesma aliança de partidos que haviam sustentado a eleição de Viana. Com ele o discurso da “florestania” parece perder força. Mas a atividade econômica de maior representatividade do dito “modelo de desenvolvimento sustentável” continuou sendo bastante incentivada: o manejo “sustentado” de madeira. Inclusive no antigo seringal Cachoeira, em Xapuri, onde Chico Mendes havia passado parte de sua vida.

No bojo das ações modernizadoras colocadas em prática no período destacaram-se investimentos em unidades de produção industrial. Na região de Xapuri, por exemplo, uma fábrica de preservativos masculinos (NATEX), planejada ainda no Governo de Viana, foi inaugurada. Tratava-se da primeira no Brasil a utilizar látex de seringal nativo e que, segundo o discurso oficial, constituía-se em um claro exemplo dos novos tempos acreanos, dos tempos “modernos de florestania” ou de “neoextrativismo”.

Com a implantação dessa unidade de produção impactos importantes passaram a acontecer na vida dos seringueiros sob a área de influência dessa indústria, inclusive nos rendimentos (a fábrica passou a comprar látex de seringueiros que moravam a uma distância de 30 km dela). Um fragmento de relato do seringueiro José Barbosa de Lima, que forneceu sua “história de vida” no ano de 2012, ilustra, com clareza, esse impacto: “o preço do quilo de látex pago pela NATEX, na safra de 2011, em Xapuri, alcançou R\$ 7,80. Antes da fábrica, o preço não alcançava R\$ 2,00”.

Observa-se que para o látex chegar com qualidade até a porta da NATEX (requisito essencial para o processo produtivo funcionar com qualidade), era necessário viabilizar ramais (os antigos “varadouros” foram transformados em ramais trafegáveis, no verão). Junto com os ramais a energia elétrica também chegou à floresta (neste caso, através do programa “Luz para Todos”

do Governo Federal). E com a energia, como era previsível, apareceu a televisão. Novas escolas e programas de saúde também foram implantados. Como se pode notar, mudanças significativas no viver das populações da região estavam em ebulição.

Em 2011 assume o Governo do Acre Tião Viana, irmão de Jorge Viana. Tião era Senador da República e se candidatou ao Governo em 2010. Venceu as eleições com 50,51% dos votos. Nas falas do novo Governador era comum escutar que o “Estado estava se modernizando”, que havia sido “preparado para crescer” e que, a partir de então, a “indústria deveria também ser o foco”.

Da mesma forma do verificado nos governos anteriores (de Jorge Viana e Binho Marques), empréstimos de instituições multilaterais de crédito como o Banco Mundial (BIRD) e Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) viabilizavam a maioria dos investimentos realizados, ditos modernizados. Entretanto, com Tião Viana, o “desenvolvimento sustentável” ganhou outros contornos e dimensões. Vale dizer: intensificaram-se nas terras acreanas discursos e práticas (construídos externamente) que defendiam a agregação de valor financeiro aos recursos e processos naturais ameaçados. O Acre, com esse Governador, entrava para valer na era dos “serviços ambientais”, sendo a fixação do carbono nas florestas o primeiro “serviço” a ser precificado.

## **A HISTÓRIA ORAL COMO APORTE METODOLÓGICO**

O grupo que colaborou com a pesquisa foi constituído por seringueiros residentes nas florestas de Xapuri/AC, em duas localidades significativas: o Projeto de Assentamento Agroextrativista Cachoeira (PAE Cachoeira ou Chico Mendes<sup>77</sup>) e a Reserva Extrativista Chico Mendes. No caso da reserva, coletaram-se relatos somente de moradores das “colocações” localizadas dentro dos limites do Município de Xapuri/AC (a RESEX Chico Mendes engloba outros Municípios).

Na RESEX, 12 (doze) seringueiros contaram suas histórias. Falaram pessoas que residiam em localidades próximas da cidade, em distâncias médias e, também, em distâncias longas (no “fundo da reserva”). Falaram sujeitos (2

<sup>77</sup> O PAE Cachoeira, oficialmente conhecido como PAE Chico Mendes, foi legalizado pela Portaria INCRA/SR-14/AC/Nº 158, de 08de março de 1989 como Projeto de Assentamento Extrativista Chico Mendes. Porém, a portaria do INCRA nº 286 de 23 de outubro de 1996 resolve criar, em substituição à modalidade de Projeto de Assentamento Extrativista, a modalidade de Projeto de Assentamento Agroextrativista

mulheres e 9 homens, novos e velhos) que moravam em regiões onde existia luz elétrica e em regiões onde a energia ainda não havia chegado. Todos esses relatos tiveram por objetivo captar vozes de realidades diversas. Trabalhou-se somente com adultos (mais velho 72 anos e mais novo 25 anos), as crianças não participaram dos relatos.

No caso do PAE Cachoeira, coletaram-se relatos de 11,76% de seus chefes, ou seja, 10 seringueiros (5 mulheres e 5 homens - mais velho 86 anos e mais novo 27 anos).

A coleta dos relatos foi realizada com total consentimento dos colaboradores seringueiros. Em nenhum deles adotou-se a estratégia de utilizar um questionário e/ou roteiro com perguntas. Isso porque o foco da pesquisa sempre esteve na subjetividade e nas experiências de vida dos que decidiram colaborar e construir conhecimentos através do trabalho desenvolvido.

Durante a coleta dos relatos procurou-se sempre prestar atenção nos discursos, nos silêncios, nos olhares e nas alterações da paisagem. Isso por acreditar que o pesquisador precisa visualizar o lugar para poder entender o que está sendo dito. Entretanto, como o interesse centrava-se principalmente no modo de vida, isso supunha perguntar ou orientar o colaborador a falar sobre as várias dimensões do vivido. Ou seja, o lugar, o trabalho, os desejos, as dificuldades, o medo, as alegrias, os sonhos. E isso sempre era feito antes de ligar os equipamentos de gravação.

No início das entrevistas os seringueiros eram informados sobre coisas de interesse, ou seja, o lugar, o trabalho, os desejos, as dificuldades, o medo, as alegrias, os sonhos. Esse procedimento foi realizado em todas as conversas prévias. Mas procurava-se deixar que escolhessem livremente o que dizer. Assim, estariam dando as prioridades que diziam respeito às suas próprias vidas e não às hipóteses da pesquisa.

Entretanto, nem toda às vezes acontecia como planejado. Mesmo com as orientações, quando o microfone e a filmadora eram ligados muitos ficavam tímidos e não falavam. Ficavam aguardando perguntas. Algumas vezes até solicitavam perguntas (“o que o senhor gostaria de saber?”). Alguns começavam a falar e logo finalizavam. Então, a estratégia com muitos foi estabelecer pequenos diálogos com vistas à obtenção dos relatos. Por isso mesmo, com alguns seringueiros realizou-se perguntas sobre o viver na floresta. Inclusive, esse procedimento os motivava a falar com mais naturalidade. Em poucas situações eu



sentia a necessidade de aprofundar algumas questões apresentadas com outras indagações.

Apesar da orientação inicial, sempre começaram por onde queriam, paravam também quando queriam, e tiveram total liberdade durante o relato de interromper, silenciar, etc. A proposta foi ouvi-los, verdadeiramente (diferente de escutar). Fundamentalmente, o respeito foi mantido como princípio. Respeito às ideias e opiniões divergentes. No final, foi transcrito o diálogo. Registrou-se pela escrita o modo como cada um deles pretendeu se deixar ver.

No processo de passagem do oral para o escrito (transcrição), incluiu-se os erros de português, repetições, gírias, etc. Trabalho demorado, mais de grandes aprendizados. Após essa etapa, centrou-se o esforço no sentido de dar à entrevista um caráter de texto fluído, visando favorecer a leitura (a “textualização”). Nesse momento adaptações na linguagem foram realizadas, mas com o devido cuidado para não eliminar a cultura. Por isso mesmo foram mantidas expressões como “varadouro”, “estrada de seringa”, “beijo do ramal”, “colocação”, etc. Pensa-se que o que se passou a ter, então, foram textos abertos para múltiplas interpretações. Não mais entrevistas. Em seguida, realizou-se a “transcrição”, que consiste na fase final da construção do texto, até a devolução..

O retorno aos seringais foi iniciado 15 de dezembro de 2012 (para devolução dos relatos e obtenção de suas autorizações para o uso). Processo que se estendeu até dezembro de 2013. Nesses encontros, percebeu-se que a ideia do retorno do texto para cada um dos seringueiros se parece com o próprio trabalho realizado por eles. Da mesma forma que percebeu Nilson Santos, ou seja:

O interlocutor, por vezes, age como o próprio seringueiro. O texto a ser transcrito é a seringueira, e a faca afiada para não estragar a casca nem estragar as fibras da madeira vai desenhando cada traço em busca do leite, retirando as camadas de casca morta e musgo que se acumulam, desbasta, fere para dar vazão ao fluxo de leite, não para exaurir completamente, esfolia para provocar o surgimento da densa seiva, interfere na árvore para retirar dela sua fortuna. Não é possível conseguir o leite da seringueira sem toca-la, sem desrespeita-la, sem irrita-la, sem incomoda-la, não é deixando intocada que se obtém sua riqueza, mas é cravando com precisão a faca na sua casca que ela libera o leite. Não se contenta somente com uma ideia, com a abundância do leite por um fabrico, quer preservar a vida da arvore e a riqueza do narrador, garantindo-lhe pre-

sença e vida em abundância. O limite dessa intervenção deve ser buscado na seringueira, observando se é nova, velha, se saudável. A transcrição cessa quando o texto consegue ser compreensivo como a voz do narrador, mantidas as suas escolhas e enredos por reconhecer o leite, o fluido singular da vida no texto (SANTOS, 2002, p.47)

## **INSATISFAÇÕES, RESISTÊNCIAS, RISCOS E PREJUÍZOS DA “MODERNIDADE FLORESTÂNICA”: ALGUNS RESULTADOS OBSERVADOS**

Em 1999, quando o “Governo da Floresta” chegou ao poder estadual no Acre, as terras do “Aquiry” passaram a sofrer mudanças significativas (na cidade e na floresta). Mudanças provocadas principalmente pela “nova” proposta de desenvolvimento implantada. Perspectiva alicerçada em postulados desenvolvimentistas, como no tempo dos militares, mas com uma nova roupagem. Ou seja, agora, o desenvolvimento apresentava-se adjetivado: “desenvolvimento sustentável”.

A “florestania” (neologismo criado para tentar dar conta do processo), com um discurso que prometia reverter a crise (desmatamentos, baixos rendimentos das famílias, etc.), inicia então a prática de ações que visavam modernizar o extrativismo (conceituaram essas práticas como “neoextrativismo”). Nesse contexto, o Governo Estadual adota e passa a internalizar, nos “corações e mentes” dos acreanos, o discurso do “use-o ou perca-o”. A floresta deveria ser utilizada de “forma racional”, se não fosse assim, a população correria o risco de perdê-la (discurso construído exogenamente, deve-se assinalar). É nesse processo que acontece a priorização da exploração “sustentável” de madeira. Exploração que, a partir das primeiras experiências concretas, provocou repercussões fortes na zona rural xapuriense, como também em todo o Estado do Acre.

As “histórias de vida” coletadas apontaram fartas evidências que a priorização da atividade madeireira impactou no modo de vida daqueles que a aderiram (como em todo tecido social organizativo). Isso porque a estratégia do manejo “sustentado” de madeira dividiu as representações e movimentos sociais, como também dividiu sindicatos e seringueiros.

No caso de Xapuri a pesquisa sinalizou que no interior das “comunidades de seringueiros” que aceitaram fazer a exploração aconteceram fortes divergências e divisões. Para uns, o manejo era a legalização do desmatamen-

to. Para outros, uma forma de evitar o predomínio da pecuária. A exploração comercial de madeira dividiu inclusive aliados do ambientalismo. Apareceram alguns seringueiros mais “privilegiados” que outros. Como também apareceram aqueles que, além da venda de madeira, passaram a receber bolsas para difundirem a ideia da venda da madeira.

Na perspectiva da “modernização” do “Governo da Floresta”, além do manejo madeireiro outros investimentos foram efetivados. Na região de interesse na pesquisa, mereceu destaque a implantação de unidades produtivas industriais como uma fábrica de preservativos denominada NATEX, e uma indústria de madeira (indústria de “pisos/tacos”). Investimentos realizados com apoio financeiro (e técnico) de organismos como o Banco mundial/BIRD, BID, BNDES, e de grandes ONG’s ambientalistas (no caso das ONG’s, menos financiamento e mais apoio e assistência técnica). A partir desses eventos, como já sinalizado, importantes mudanças no viver dos seringueiros xapurienses passam a acontecer. Algumas consideradas por eles como muito “boas”, outras “nem tanto”.

Os “varadouros” (caminhos/trilhas na mata) foram transformados em ramais trafegáveis no verão, encurtando-se assim as distâncias; a energia elétrica chegou a muitas “colocações”(unidade de moradia do seringueiro. Composta basicamente pelo conjunto das “estradas de seringa”, os castanhais, as áreas de caça, pesca e os maciços florestais) levando a televisão e outras “modernidades” (o seringueiro passou a dormir mais tarde); melhorias na educação e saúde também forma percebidas. Nesse bojo, novos desejos foram criados e sonhos de morar na cidade também foram potencializados (notadamente entre os mais jovens).

Na busca por alternativas de “fazer mais dinheiro” (afinal, agora com o ramal possuir uma moto, ou mesmo um carro, passou a ser considerado fundamental para deslocamentos até a cidade), além do manejo madeireiro (que na região de Xapuri/AC acontece no PAE Cachoeira, com planos de ampliação para a Reserva Chico Mendes), seringueiros aumentam as criações de gado e passaram a praticar, com mais intensidade, a agricultura comercial (neste caso, tanto no PAE Cachoeira como na Reserva Extrativista Chico Mendes).

Algumas famílias conseguiram aumentar seus rendimentos através da criação de gado e do manejo “sustentado” de madeira, principalmente. Também devido à venda do látex para a fábrica NATEX, notadamente aquelas resi-

dentes em “colocações” sob a área de influência dessa organização (após entrar em funcionamento, a NATEX passou a comprar o litro de látex de seringueiros da Resex Chico Mendes e do PAE Cachoeira pagando preços superiores ao que obtinham pelo quilo da borracha em “péla”). Mesmo assim, os relatos constataram que os ganhos não se mostraram, ainda, suficientes. Talvez por isso muitos passaram a receber complementos através dos programas sociais como o “bolsa família” e/ou “bolsa verde”.

Especificamente no caso do manejo de madeira, ao mesmo tempo que gerou rendimentos no curto prazo para alguns, os relatos dos seringueiros destacaram que também espantou a caça, destruiu as nascentes, e danificou os ramais. Fatos que provocaram (e ainda provocam) temores dos seringueiros com relação ao futuro da floresta e a seus próprios futuros (inclusive nas áreas onde a atividade ainda não chegou). Entretanto, mesmo temerosos, desconfiados, e sabedores sobre quem realmente ganha com a atividade (uma madeireira de nome “Triunfo”), como também conscientes que Chico Mendes dificilmente aceitaria esse tipo de exploração da floresta, muitos aceitaram e continuam aceitando vender a madeira de suas “colocações”. Neste processo, a pesquisa realizada evidenciou outra questão importante: a fragilização política que esses sujeitos foram (e estão sendo) submetidos. Não por acaso, muitas das antigas lideranças do “tempo dos empates” (ou do período da “frente pioneira” agropecuária para a Amazônia) foram transformadas em funcionários do governo.

O constante bombardeio de informações sobre a importância do manejo “sustentado” de madeira, levadas por técnicos governamentais e ONG’s, que se dizem, então, apoiadores das lutas dos seringueiros, é outro aspecto que possui relação com a não resistência de muitos ao “manejo sustentado”. Não resistem (muitos) também porque percebem que esta atividade constitui-se em estratégia importante de um governo que ajudaram a eleger. O mesmo governo que, desde o princípio apresenta-se como sucessor das ideias de Chico Mendes (agora transformado em herói) e que, de fato, introduziu melhorias em suas vidas (também os concedem bolsas e créditos para construir suas habitações).

Entre os moradores de “colocações” mais afastadas (as do “fundo da reserva”), como também entre as famílias que não estão sob a área de influência da NATEX, o estudo permitiu compreender que a situação é bastante complicada. Os seringueiros dessas regiões não conseguem “fazer o básico”, principalmente realizando o que sempre fizeram (extrair produtos da floresta).

Inclusive, depois da assimilação por parte do Governo Estadual do “novo” discurso que, agora, orienta para a precificação dos bens naturais (onde as ações antrópicas precisam ser minimizadas), a situação parece ter se agravado. As atividades que os seringueiros exerciam, há anos, passaram a ser controladas e/ou suspensas e, nesse movimento, muitos são costumeiramente reprimidos e sofrem represálias. Agora a exigência é que se tornem “guardiões da floresta”<sup>88</sup>

Os processos educacionais apresentaram avanços a partir de 1999 (notadamente na quantidade de séries ofertadas). Mas como a educação (que poderia contribuir com a reflexão crítica sobre suas próprias realidades) lhes é oferecida de forma tradicional, não está incentivando a formação de novas lideranças e, principalmente, não está propiciando a valorização dos modos de vida na e da floresta.

Como resultado, a cada dia, os mais jovens estão indo embora. Estão saindo da floresta embebecidos com “desejos de cidade” e sonhando com prováveis oportunidades que poderiam ter fora da mata (vale lembrar que, agora, os seringueiros possuem televisão na floresta. Como também, lá mesmo, podem cursar até o segundo grau).

Os mais velhos (acima dos 30 anos), por estarem acostumados e saberem que não teriam muitas perspectivas nas cidades, ainda estão desejando ficar (e estão ficando). Entretanto, logo não estarão mais lá (na floresta), pois irão morrer em um prazo não muito longo. Sendo assim, os sujeitos seringueiros poderão desaparecer enquanto categoria social deixando o território limpo para uma provável exploração dos recursos naturais, num futuro não muito distante. Esse é um risco que mereceria, no mínimo, ser considerado.

Portanto, os seringueiros de Xapuri/AC, sujeitos que resistiram bravamente nas matas após os ciclos e crises da borracha, como também sobreviveram ao movimento de expropriação provocado pela expansão da fronteira agrícola promovida pelos militares, nos anos de 1970/80, em termos de uma perspectiva modernizante, no tempo presente, parecem caminhar para a extinção enquanto categoria social.

<sup>88</sup> De acordo com Schmidlechner (2012, p. 31) “... a nova produção discursiva do desenvolvimento sustentável em contraste com o lema do “clássico” “use-o ou perca-o”, passou a ser a de agregar valor financeiro aos recursos e processos naturais ameaçados ao se comprometer em os manter intocados, ou seja, não usá-los. Dessa forma, os moradores das florestas passam a ser descritos como “guardiões da floresta” e, de fato, privados de seu direito de livre interação com os elementos da natureza, passam a preencher no cenário da Economia Verde a função de imóveis “espantalhos culturais”, tendo a única atribuição de vigilância para que os processos de acumulação de capital, a partir de seu território, ocorram imperturbados”.

E por mais incrível que possa parecer, esse “movimento invisível” que os empurra para fora da floresta é em grande medida promovido através de iniciativas desenvolvidas por um governo que chegou ao poder apoiado por eles e se anunciando como seguidor das ideias do revolucionário Chico Mendes (o governo se diz seguidor do legado do comunista Chico Mendes, mas, paradoxalmente, é financiado por instituições multilaterais protagonistas de um modelo de sociedade que prima por uma lógica de expansão incessante do processo de acumulação do capital).

Como fechamento, destaca-se que as questões principais que a pesquisa procurou responder, ou seja, verificar os impactos que a modernidade/modernização está provocando nos modos de viver dos seringueiros de Xapuri, no Estado do Acre, desde 1988e, também, colocar em relevo o que pode se esconder por trás do processo, podem ser respondidas de forma resumida da seguinte maneira: a cultura urbana (intensificada a partir de 1999),além de estar se sobrepondo e apagando a cultura local (da floresta) em detrimento da autonomia do próprio sujeito seringueiro, está trazendo o “germe” para seu desaparecimento ao provocar um movimento que os empurra para fora da floresta.

Portanto, contrariando a opinião de muitos pesquisadores da região (e também do atual Governo do Acre), afirma-se com base na experiência com História Oral realizada que a proposta de nome simpático denominada de “desenvolvimento sustentável”, e que nos últimos anos passou a apresentar-se para a sociedade acreana com uma roupagem ainda mais sofisticada ao procurar precificar e agregar valor financeiro aos recursos e processos naturais ameaçados, e que, em última instância, é responsável pela intensificação dos processos modernizantes na região, pode-se tratar, somente,de uma forma de tentar dar outra coloração (no caso “verde”) para algo que não tem solução. Em outros termos: trata-se, na verdade, de uma resposta para a crise do capital em sua vertente dominante - o capital financeiro - visando dar continuidade ao processo de reprodução.

Observa-se que o discurso do “desenvolvimento sustentável” foi incorporado por diversos atores acreanos, institucionais ou não, públicos e privados, ora valorizando um ou outro de seus pilares (econômico, social, ambiental, territorial). Instituições públicas, organizações não governamentais, empresas, setores produtivos, meios de comunicação garantem estar implantando o “novo tipo de desenvolvimento”, inserindo-lhe a nova qualificação, todavia “as falas se-

ringueiras” nem sempre dizem “sim” ao novo que está destruindo ou apagando os costumes da floresta. É o que se pode concluir através da pesquisa realizada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIM, Walter. “O Narrador”. In: **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- BOM MEIHY, Jose Carlos Sebe. **Manual de História Oral**. São Paulo. Edições Loyola, São Paulo, 1996a.
- \_\_\_\_\_. (org.) **(Re)introduzindo a História Oral no Brasil**. São Paulo: Xama, 1996b.
- BOM MEIHY, José Carlos Sebe & HOLANDA F. **História Oral: Como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velho**. Companhia das Letras. São Paulo, 2010.
- \_\_\_\_\_. “*Problemas Ligados à Cultura das Classes Populares*”. In: VALLE, Edênio & QUEIRÓZ, José J. (orgs.). **A Cultura do Povo**. 4 ed., São Paulo, Cortêz, 1988, p. 28.
- BROWDER, J.O. **Extractive reserves will not save the tropics**. BioScience, 1990.
- CALDAS, Alberti Lins. “*Transcrição em História Oral*”. In: **Caderno de Criação**. Ano VI, Nº 19. Porto Velho, 1999.
- DOSSIÊ ACRE. **Documento especial para a Cúpula dos Povos – Rio de Janeiro, 2012. O Acre que os mercadores da natureza escondem**. Conselho Indigenista Missionário. Rio Branco, Regional Acre, 2012.
- EHRINGHAUS, C. **Post-victory dilemmas: land-use, development, and social movements in Amazonian extractive reserves (Brazil)**. Dissertation (PhD). Yale University, 2005.
- FEARNSIDE, P.M. **Extractive reserves in the Brazilian Amazonia**. BioScience, Nº 39, 1989.
- HALBAWCS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HECHT, S. e COCKBURN, A. **Fate of the forest: developers, destroyers and defenders of the Amazon**. Verso: Routledge, 1990.
- HOMMA, A.K.O. “*The dynamics of extraction in Amazonia: a historical perspective*.” In: D. Nepstad and S. Schwartzman, eds. **Non-timber products from tropical forests: evaluation of a conservation and development strategy**. Bronx, N.Y.: The New York Botanical Garden, 23-91, 1992.
- LOWY, Michael. **A Escola de Frankfurt e a modernidade: Benjamin e Habermas**. Novos Estudos CEBRAP Nº. 32, Março de 1992.
- MELO FITTIPALDY, Márcia Cristina Pereira de. **Reserva Extrativista Chico Mendes: dos “empates” à “pecuarização”?** Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) UFAC/MDR, 2012.
- MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. **Esquadrão da Morte no Acre - Entenda o caso**. Disponível em <<http://www.divulga-mpf.pgr.mpf.gov.br>> Acessado em 21/09/2012.
- MURRIETA, J.R. e RUEDA, R.P. **Extractive reserves**. Cambridge: IUCN, 1995.
- POLANCO RIBEIRO, R. **Os Madrugadores da Floresta: A luta para viver, conservar e industrializar na complexidade seringueira**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional). UFAC/MDR, Rio Branco, 2008.
- REGO, J. F do *et al.* **Análise Econômica de Sistemas de Produção Familiar no Vale do**

**Acre.** UFAC/Departamento de Economia, 1996.

REGO, J. F. **A viabilidade de um novo extrativismo.** UFAC/ASPF, 1997.

SANTOS, Nilson. **Seringueiros da Amazônia: sobreviventes da fatura.** Tese (Doutorado em História Social). São Paulo. USP, 2002.

SCHMIDLEHNER, Michael F. “*Os desdobramentos do capitalismo de desastre no Acre - a adicionalidade do medo*”. In: **Contra Corrente: territórios de disputa.** Rede Brasil, número 5, outubro de 2012.

SCHMINK, M *et. al.* **Acompanhamento para o Manejo Florestal Comunitário no Projeto Cachoeira, Acre, Amazônia, Brasil.** CIFOR & IMAZON, 2007.

Data de recebimento: 05/12/2017

Data de aceite: 27/01/2018